

O instinto de poder na ordem social

ARMANDO GODOY FILHO

(Eng. cl. L do Q. P. do Ministério da Fazenda)

III

VII — O INDIVÍDUO, SEU MEIO, SUAS ASPIRAÇÕES

(Continuação)

DEPOIS de toda essa longa preparação psicológica, achamo-nos em condições de entrar no estudo de casos mais objetivos dessa matéria, aplicada à ordem social.

Primeiramente, vamos procurar definir a posição psicológica do servidor do Estado, em relação a outros trabalhadores, ao homem do comércio, por exemplo, para, daí, tirarmos algumas conclusões interessantes à nossa finalidade.

Assim, podemos dizer que a diferença psicológica mais acentuada (de uma maneira geral, bem entendido) entre um servidor do Estado e um indivíduo do comércio, é que este vive da iniciativa própria ou da expansão da sua individualidade no sentido do êxito ou do seu objetivo. Em todas as suas ações está quasi sempre presente a força íntima, emanada do "ego", do interesse imediato. As suas energias vitais se expandem, por conseguinte, pela forma biologicamente certa, regadas de sentimento ou de entusiasmo, diante do êxito imediato do negócio ou da operação a realizar. Nesse processo psicológico a sua atenção e as manobras da sua inteligência não podem falhar, porque, em todas as operações que realiza, está sempre em jogo o prestígio econômico da individualidade, da mesma forma que, no esporte, no duro da peleja, a mentalidade acha-se dominada pela idéia viva da vitória ou da reputação esportiva da pessoa. Por isso, segundo parece, o ser biológico concentra nas suas operações psico-fisiológicas toda a energia indispensável ao êxito. Ao passo que, para o servidor do Estado, toda a sua atividade decorre, principalmente, de uma responsabilidade ou de um fato moral e conciente. Para o servidor, a iniciativa quase nunca está presente nas suas ações e,

muitas vezes, ele precisa restringi-la ou recalca-la para conformar-se ao ritmo da harmonia geral. Assim, a individualidade sente-se presa, magoada nas suas aspirações egoístas de êxito, e, pouco a pouco, vai a mentalidade sofrendo as consequências biológicas desse fato procurando compensações ou novas formas de equilíbrio interno.

Quando, porem, a atividade desenvolvida pelo servidor é de natureza mais material, exigindo mais atenção objetiva que subjetiva, os prejuizos desse fato são menores ou quase nulos. Isto, porque a energia vital fica bastante obrigada, pela atenção, a expandir-se normalmente, aplicando-se ao trabalho, e não deixa margem ao estabelecimento de conflitos imaginativos. (Os psiquiatras conhecem a importância dos trabalhos manuais, no tratamento de certas alterações do equilíbrio psíquico). (11) (12).

No caso, porem, da atividade mais intelectual, a falta de uma associação vitalizante entre a coisa a realizar e a iniciativa individual ou as aspirações emanadas do "ego", pode dar ao trabalho um caráter penoso e exaustivo para a mentalidade. (Estas considerações servem, em parte, para justificar a medida administrativa que o Governo tem adotado, de estabelecer, nos horários de trabalho das repartições, tempo menor para as atividades burocráticas ou de ordem mais intelectual. Seria, no entretanto, bastante util para os servidores desse grupo, que pudessem, como higiene mental, aplicar pelo menos uma hora do seu tempo restante em atividades esportivas ou trabalhos manuais).

A falta de sabor para o "ego", na atividade em mira, determina um retraimento natural da

(11) BORIS BLAI — *A Alegria pelos Trabalhos Manuais* — "Sel. Reader's Digest" — Julho de 1942.

(12) WILLIAM SEABROOK — *Minha Vida Entre Loucos* — "Seleções do Reader's Digest" — Junho de 1942.

energia biológica, limitando a ação do indivíduo, quase sempre, ao mínimo indispensável para cumprir a responsabilidade ou as determinações morais. A consequência mais nefasta desse fato, para o serviço ou do ponto de vista econômico, é a improdutividade ou a ineficiência, e, para os entes humanos que trabalham, o aborrecimento ou a infelicidade.

Tendo-se, portanto, na organização, como principais finalidades a produção elevada e a alegria salutar do pessoal no trabalho, parece indispensável que se encontre um processo de associação permanente entre as aspirações individuais e o êxito da produção. Torna-se necessário que se procure alimentar, na mentalidade de cada servidor, certa dose de ideal relacionado à obra que realize.

Estamos, agora, habilitados a entrar no exame de alguns aspectos interessantes da personalidade, que podem, também, por vezes, ser observados no meio social dos servidores do Estado.

Como premissa dessa análise, devemos admitir que, normalmente, todo indivíduo, levado pelo instinto de poder procura projetar sob formas diversas, bem entendido, a sua individualidade no meio social. Uns encontram a chave do êxito, vencem, adquirindo prestígio ou posição. Outros naufragam em relação aos seus objetivos, por falta de sorte, por incapacidade e até mesmo pela incompreensão social dos seus méritos reais.

Na mentalidade destes, podem, então, chegar a processar-se grandes transformações, biologicamente compensativas que atingem o caráter ou a personalidade. E a coisa parece obedecer, quase sempre, à seguinte sucessão de fases:

a) visão do objetivo de vantagem pessoal, de melhoria ou de progresso, pela individualidade, o qual, na grande maioria dos casos depende das inspirações do meio próximo ou da sociedade que mais imediatamente envolve a pessoa; essas inspirações se dão pela apreciação dos fatos observados nesse meio (ou, mais raramente, pela influência puramente imaginativa, que implica quase sempre num conhecimento anterior de alguma coisa parecida) e relativos ao bem estar ou à felicidade, ao prestígio social ou ao mando, ao luxo ou à riqueza, à energia ou à coragem, à cultura ou à produção intelectual, ao culto do belo ou à produção artística, à velhacaria ou à desonestidade, etc, dos seus semelhantes;

b) inspiração do "ego" ou choque emotivo do seu *écran* de sensibilidade, determinando o nascimento do desejo ou da aspiração que, desde logo, sob a influência da lembrança emotiva a ele associada, passa a tomar posição de destaque na memória; daí por diante, começa a desempenhar, durante o passeio da imaginação pela memória, uma certa influência atrativa sobre a atenção dirigida do "ego", isto é, a atenção passa a ter sempre em mira, como imagem ou idéia principal de suas cogitações, o objetivo a ser atingido pela individualidade; fica assim estabelecida na mentalidade, a base de uma relativa obcecação (felizmente, porém, nos indivíduos normais, em geral não há um só desejo, há diversos com o predomínio de uns sobre os outros; mas, pode dar-se o caso de predomínio intransigente de um deles, começando, então, o período anormal da personalidade, que se denomina obcecação);

c) depois de instalada, na memória, a idéia do desejo, ou da aspiração, as primeiras barreiras encontradas pelo indivíduo ante os seus objetivos, determinam logo, da parte do "ego", reações sentimentais que podem chegar até à paixão pela conquista visada (devemos, assim, admitir, de acordo com esse esquema, *que as paixões decorrem da dificuldade ou da impossibilidade de conquista da coisa fortemente desejada*);

d) durante esse processo, desenvolve-se, então, o aspecto mais interessante da vida do indivíduo em sociedade, isto é, na generalidade dos casos, a pessoa quase inconscientemente, passa a procurar, a admirar e estimar, no grupo de suas relações sociais, todos aqueles que possam, de qualquer maneira, servir de amparo, de apoio ou de ajuda a ela, direta ou indiretamente, para o alcance do objetivo idealizado (neste caso, não há, verdadeiramente, hipocrisia nas aproximações afetivas ou simpáticas dos indivíduos, mas, sim, espontaneidade ou afinidade psicológica, de ordem sentimental; é a idéia ou imagem do objetivo no seu plano principal da memória a desenvolver a sua influência atrativa sobre todas as demais que a ela se possam associativamente ligar, afim de formarem a grande pirâmide do êxito, a ser presenteada, algum dia, pela imaginação ao rei "ego");

e) na luta pela satisfação do desejo ou conquista da posição almejada, as primeiras dificuldades, muitas vezes, contra as quais se debate a energia individual, são de ordem interna; (por exemplo: condições de caráter ou morais, falhas educa-

tivas ou maus hábitos, aparência desagradável ou incapacidade física, pouca inteligência ou incapacidade cultural; devemos considerar que essas forças, contrárias ao êxito e em luta dentro da individualidade, atuam severamente no grande drama social dos nossos dias, da inadaptação dos objetivos ou do trabalho aos característicos individuais básicos, de ordem biológica e educativa, predominantes ou específicos para cada pessoa e indispensáveis ao sucesso e à felicidade na carreira profissional);

f) a outra parte, então, também áspera e temível na batalha do progresso da individualidade, vem de todas as resistências contrárias a esse, nascidas ou desenvolvidas no curso da competição social ou social-econômica;

g) durante todos esses embates, apesar, mesmo, da sucessão de derrotas, enquanto porem, ainda consegue viver na imaginação a estrela da esperança, que leva ao "ego", permanentemente, uma ilusão de contentamento, diante da ventura a ser vivida no futuro (algumas vezes felizmente para a segurança da individualidade, a esperança pode persistir mesmo no auge do fracasso) — a personalidade mantém-se em guarda, continuando a despender a energia vital, normalmente, na luta pelo progresso ou pela conquista do objetivo, variando apenas, em geral, a *forma da iniciativa, que é a estratégia da ação*;

h) nessa luta, por vezes, em horas perigosas para a individualidade, devido a fraquezas orgânicas, ocasionais ou mesmo permanentes, graves ocorrências se podem dar na mentalidade, afetando, quase sempre, o caráter;

i) a ação permanente do sentimento, forçando com insistência a individualidade na marcha para o objetivo, diante de um meio onde os exemplos de dignidade, de lealdade ou de valor não sejam os mais premiados na ordem social, pode, no duro da peleja pelo êxito, reforçada pelas sugestões ou insinuações malévolas das pessoas interessadas na corrupção alheia, vencer, pouco a pouco, as resistências morais, desorganizando o caráter ou conformando-o exclusivamente às necessidades das aspirações do indivíduo, sem qualquer atenção ao mérito e à felicidade alheios (surgem, assim, os hipócritas, intrigantes, mentirosos, desleais, etc.);

j) noutros casos, porem, conforme a sensibilidade dos indivíduos e a força das suas resistências morais, ou diante do mérito da sua educação, as alterações da mentalidade podem ir mais

longe, ocasionando anomalias profundas na situação de equilíbrio interno da individualidade (surgem as angústias, as depressões, os derrotismos ou pessimismos, as displicências e, em geral outras psicoses mais graves que podem até levar o indivíduo ao suicídio);

l) nestes casos, de conseqüências sempre sérias para a personalidade, a coisa pode começar a partir de um choque emotivo maior, associado à idéia do fracasso, do impossível ou do desastre sentimental; neste instante morre a esperança e uma desilusão profunda invade o campo da imaginação, chega até ao "ego", e impressiona-o de tal forma, que, do choque havido contra a sua membrana de sensibilidade sérias alterações podem resultar para o todo orgânico, iniciando-se, então, a verdadeira derrocada da individualidade;

m) numa grande maioria de casos, felizmente, o indivíduo chega a reanimar-se, curando-se dos seus desequilíbrios ou anomalias psico-fisiológicas; noutros, porem, o desastre adquire uma posição, mais ou menos estacionária, de depressão permanente; o psiquismo procura uma nova situação de equilíbrio interno mais conveniente ao bem estar do "ego", invertendo os fatos e procurando dar ao derrotado o melhor papel, de nível superior, na ordem social; cria, assim, novas formas de sensibilidade, um tanto ilusórias, para o "ego", passando ele a apreciar os fatos reais de forma invertida, de maneira a colocar-se na posição superior rebaixando ou procurando destruir o mérito dos seus semelhantes; para esses indivíduos, que são os *derrotistas*, tudo está errado e só eles são os donos da verdade e da justiça!

n) outras vezes, ainda, o "ego" passa a não se sensibilizar pelas influências externas que chegam à imaginação, principalmente no que interessam à posição social do indivíduo, tornando-se indiferente às mesmas, e a personalidade toma, assim, a forma da *displicência*. Para tais indivíduos, tanto faz o rio correr para baixo ou para cima, que a sua sensibilidade não se altera; são, quase sempre, incapazes de modificar o ritmo dos seus hábitos e se deixam governar, semi-automaticamente, em todas as suas atitudes, pelo *princípio geral da economia interna ou lei do menor esforço*.

Apreciando, agora, o mérito dessas anomalias, devemos reconhecer que, em todos esses casos, as falhas reais decorrem da falta de elasticidade, ou da incapacidade psíquica do indivíduo, para adaptar suas esperanças ou suas aspirações, permanen-

temente, às situações sempre variáveis e contraditórias do meio social.

Podem ter origem latente, muitas vezes, em defeitos de educação, quando os pais, numa verdadeira extensão de suas próprias aspirações de progresso pintam para os filhos, diariamente, quadros belíssimos de êxitos ou posições, muito além dos recursos reais da capacidade biológica dos mesmos.

Parece-nos, assim, boa norma de sanidade mental fazer com que os indivíduos se habituem a encontrar a felicidade, principalmente, nos pequenos êxitos, simples e imediatos, da vida quotidiana, e a colocar os ideais dentro dos limites de uma visão sensata dos próprios recursos. Nunca nos devemos esquecer que os grandes êxitos são, na maioria dos casos, resultantes de pequenos êxitos sucessivos.

A propósito desses fatos, vamos, ainda, fazer algumas considerações que abrangem três aspectos importantes da existência individual: *ambiente, educação e felicidade*.

Entre esses três elementos existe tamanha relação que, se fosse possível medi-los, em circunstâncias especiais, talvez pudessem ser representados sob a forma de uma equação geral da mecânica, orientadora da trajetória social do indivíduo.

Nesse caso, uma das fórmulas uteis que, certamente, poderíamos tirar da solução dessa equação imaginada, seria a seguinte: educar o indivíduo, principalmente, para o meio de sua provável existência, isto é, educá-lo de maneira a poder, diante de um equilibrado sentido de progresso e em face das suas características biológicas ou psico-fisiológicas, encontrar a felicidade com os recursos do seu próprio ambiente social.

Naturalmente, o leitor há de compreender que não pensamos aqui na restrição ou limitação da cultura, no que ela tem de mais belo, que é o seu aspecto liberal ou democrático. Não, o nosso pensamento a propósito de uma racionalização dos processos educativos de modo algum visa impedir o desenvolvimento amplo da cultura, mas, sim, promover, antes de tudo, a cultura utilitária, isto é, a preparação de cada indivíduo para o êxito e para a felicidade dentro do seu provável ambiente social-econômico.

Esse sistema deveria partir, com o auxílio da psicotécnica, tanto quanto possível, do conhecimento dos característicos psico-fisiológicos respectivamente indispensáveis a um razoável sucesso nos vários empreendimentos. Além disso, partin-

do da análise cuidadosa do trabalho, seria estabelecida a base cultural mínima, apropriada a cada caso, da atividade especializada que se costuma denominar profissão. (Por estarmos falando em tese não faremos, aqui, qualquer referência ao que que muito já se tem feito nesse sentido, em nosso país, sob a orientação de diversos institutos, dentre eles, desempenhando um papel de grande destaque, devemos salientar os trabalhos realizados pelo I. N. E. P.).

O cumprimento dessa importantíssima missão estatal, poderia ser confiado a centros de orientação profissional, atuando diretamente nos estabelecimentos de ensino do país, sob a orientação e coordenação técnica de um órgão central. (Este órgão funcionaria sempre como instituto de readaptação permanente do ensino às necessidades evolutivas do meio social-econômico).

Dentro do sistema econômico, racionalmente planejado para o aproveitamento e exploração convenientes dos recursos naturais de cada região do país, seriam destacadas as funções específicas de pessoal, para os casos do trabalho especializado, ou para as funções gerais, cabendo aos aludidos centros guiar a cultura e a aprendizagem da mocidade no sentido do aproveitamento adequado e feliz dos indivíduos no plano geral de produção.

A propaganda educativa, de ordem social-econômica, nas escolas, visaria, nesse plano, desde o curso primário, fornecer aos jovens um panorama real das vantagens e dificuldades inerentes a cada profissão, afim de despertar neles o gosto espontâneo ou preferencial por qualquer carreira.

A vocação ou inspiração profissional, nesse caso, ao invés de partir da arbitrariedade, grandemente perigosa ao êxito e à felicidade dos indivíduos no trabalho, nasceria, pelo menos, de uma apresentação sincera da verdade, sob a orientação dos centros de psicotécnica a que nos referimos.

Nessa propaganda educativa (de interesse social-econômico da nacionalidade), os atrativos psicológicos, cuidadosamente escolhidos para cada caso, deveriam ser estabelecidos, principalmente, de acordo com as necessidades regionais ou nacionais de pessoal habilitado, tendo-se em mira a exploração eficiente de todos os recursos naturais do país. A própria organização do ensino nacional, poderia ser compreendida mais como uma consequência das necessidades profissionais do plano social-econômico do Brasil, do que como um princípio educativo, liberal, preso às obrigações que tem o Estado de promover a cultura do seu povo. (A

consequência mais comum desse erro, do tradicionalismo liberal da cultura, são os milhares de inadaptados ao trabalho, bem como os muitos doutores, dos nossos dias, infelizes e sem ocupação.)

Devemos compreender que o princípio democrata, do liberalismo profissional ou cultural, no que interessa às responsabilidades do Estado no campo das atividades reais da ordem coletiva, não deve ser estendido a tal ponto de se permitir a formação de um grande número de pretensos sábios, infelizes e improdutivos. Dentro da filosofia que nos parece boa, pelo contrário, a aprendizagem e a cultura devem ser entendidas, na ordem social, como instrumentos de ação no sentido da eficiência profissional e da satisfação da mentalidade dos homens. Esta, por sua vez, depende não só das tendências naturais, de ordem biológica, de cada indivíduo, mas, também, em grande parte, da preparação psicológica a que se tenha submetido, desde a primeira infância, visando o desenvolvimento, na sua mentalidade, dos germens das aspirações de progresso e da admiração do belo, do justo e do verdadeiro.

Parece, portanto, pouco razoável, no caso do Brasil, por exemplo, apanhar-se o filho de um fazendeiro do interior (quando infra-dotado das condições psicológicas indispensáveis ao êxito em certas profissões liberais), afim de educá-lo, num regime de inferioridade moral em relação aos colegas, aos trancos e barrancos e empurrado pelo dinheiro dos pais, até o dia primeiro da sua maior desgraça, isto é, no momento em que lhe é fornecida, pelo Estado, a carta da sua infelicidade, num pesadíssimo diploma!

No rolar dos fatos, esse homem, que iniciou a sua vida produtiva, partindo dos hábitos (à custa dos pais), muitas vezes, de um rico habitante das grandes cidades, não mais se conforma em voltar à vida laboriosa e áspera do interior do Brasil, preferindo, na maioria dos casos, exercer a profissão na cidade. Na dura competição que a carreira lhe impôs, a sua inferioridade mental desde logo se destaca, e o barco da ineficiência profissional começa dentro em pouco a naufragar. Mas, o diploma que o papai lhe deu envolve uma responsabilidade muito grande que não pode abandonar, e torna-se preciso continuar a batalha da existência com ele às costas. Então, se o pai ainda tem dinheiro, continua, da cidade, a sugar-lhe o sangue do trabalho, para queimá-lo na gasolina, por vezes inútil, dos prazeres citadinos. Se,

porém, o papai lhe retira a chave do cofre, então, algumas vezes apela para os recursos do matrimônio. Lembra-se, por exemplo, da filha do fazendeiro fulano, de sua terra, menina de dinheiro, que, diante da fascinação do anel de doutor, não se negará a servir de táboa de salvação ao naufrago da incompetência.

Acontece, ainda, que, depois da morte dos coitados doadores de sangue do interior, o doutor da cidade vende ou arrenda a alguém da sua terra, por qualquer preço, a propriedade recebida em herança, para continuar residindo na cidade. O tempo passa e essa vítima da incapacidade profissional, na sua rota da descrença das venturas deste mundo, levado pelo seu terrível engano inicial, dia a dia, pessimista, neurastênico e até doente, sem amor, sem saudade e sem esperança, vai arrastando o seu diploma da miséria, enquanto aguarda, muita vez, a morte bendita, que lhe venha aliviar a carga da existência.

Serve este exemplo para mostrar a importância do reflexo dos hábitos adquiridos na mocidade sobre toda a existência do indivíduo. Procura destacar, também, com cores vivas, o prejuízo das falsas convicções morais — por nós denominadas: “forças de inércia da continuidade dos fatos errados”, bem caracterizadas em frases como esta: “querer é poder” — que pregam a persistência ativa, quase irracional, da pessoa, no sentido da diretriz traçada pela carreira escolhida, em muitos casos, durante a mocidade inexperiente.

Seria, portanto, mais interessante, diante da sucessão de fracassos, desconfiar a pessoa ou acreditar um pouco que as causas desses desastres profissionais podem, também, estar ligadas à conduta social imprópria do derrotado, por incapacidade psicológica, hábitos prejudiciais, etc. Nesses casos, então, ao invés do revólver do desespero, parecer-nos-ia mais sensato que o indivíduo, logo no começo da *débâcle*, procurasse submeter-se a exames psicológicos, por especialistas nesse ramo da psicologia aplicada (13), afim de encontrar e seguir, ainda em tempo, um rumo de atividade social mais compatível com os seus recursos pessoais.

Esse exemplo serve, em parte, ainda, para lembrar como pode se tornar prejudicial, do ponto de vista da colonização do território brasileiro, o

(13) MORIS FISHBEIN e WILLIAM A. WITE — *Porque os Homens Falham* — (Estudo de Onze Psiquiatras Americanos). Ed. Nacional.

afluxo, para as grandes cidades, do pessoal do interior, que passa, desde logo, a adquirir hábitos citadinos, não pensando em retornar à vida rural ou das pequenas localidades espalhadas pelo Brasil. Algumas vezes, tais personagens, logo depois de instalados na cidade, preferem, mesmo na penúria, residir nesta, sem pensar na volta para a localidade de sua origem, afim de não destacarem aos olhos dos parentes e conhecidos a angústia do fracasso da aventura encetada (influência do instinto do poder). Assim, esses e outros, dentre os numerosos habitantes das cidades, muitos dos quais subalimentados e servindo de pasto saboroso à tuberculose, passam pela vida arrastando a sua miséria íntima e concorrendo para reduzir a natalidade a cifras mínimas assustadoras. Mas, apesar disso, seguem os costumes da gente da cidade, procuram manter as relações elegantes nesta adquiridas e alimentam em si próprios, acima de tudo, uma falsa impressão de grandeza ou de poder.

Há jovens, por exemplo, que deixam de alimentar-se satisfatoriamente, por algum tempo, mas encontram dinheiro para as meias de seda e para os vestidos da moda.

Ainda importa falar aqui sobre as responsabilidades das insinuações do meio, da propaganda comercial e do cinema, no desenvolvimento dos desejos ou aspirações na mentalidade dos povos, bem como de alguns prejuízos que desses fatos possam advir para a felicidade dos homens.

Pensamos que, na vida social, para que as coisas marchassem dentro de um razoável equilíbrio entre a felicidade dos indivíduos e a harmonia da coletividade, em primeiro lugar, uma ordem moral evoluida e resistente deveria imperar à altura do sistema social-econômico em andamento (representando o direito, nesse caso, na sua maior parte, uma simples expressão normativa do senso moral dos fatos da vida coletiva); em segundo lugar, as ordens econômica e artística deveriam estar habilitadas a satisfazer, da melhor forma possível, e em situação próxima do ótimo, paulatinamente, em face do progresso, as necessidades dos homens no campo material ou intelectual.

Nesse caso, o fenômeno sociológico, ocasionado pela propaganda, deveria guardar a sua justa relação de oportunidade para com a capacidade de abastecimento do povo pelo sistema industrial conveniente.

Infelizmente, porem, para a maioria das nações, com alguma exceção dos Estados Unidos,

onde o padrão médio de conforto é elevado, tal não vem acontecendo.

Assim, a propaganda, o cinema, etc. plantam na mentalidade dos homens a idéia do bom ou do superior, ao passo que o sistema econômico, inadequado, obriga-os, constantemente, a recalcar os seus desejos de posse das coisas boas conhecidas, os quais são ainda instigados, a todo instante, pelo exemplo social do prazer alheio.

Esse fato, então, mais do que qualquer outro, talvez, concorra para o sacrifício da ordem moral, na tentativa biológica de uma evolução, imposta pela natureza aos homens, no sentido de adaptar o seu caráter às contingências do meio, sob a influência dos sentimentos nascidos do instinto de poder.

Devemos reconhecer que esse grande recalque social dos desejos da coletividade, fruto, como dissemos, do instinto de poder, não deixa de ser um dos maiores responsáveis pelo dinamismo incessante da produção e do progresso industrial, mas, diante da moral, da harmonia coletiva ou da solidariedade humana, não podemos deixar de culpá-lo, também, por boa dose das infelicidades ocorrentes.

Dentro da filosofia que nos inspira a redação deste modesto trabalho, julgamos que, para a felicidade dos homens, talvez fosse mais certo que a propaganda guardasse, um pouco mais, a sua relação parcimoniosa no desenvolvimento dos desejos populares, enquanto a evolução econômica não capacitasse a maioria dos homens a obter as coisas boas por eles desejadas. *Parece, assim, do ponto de vista psicológico mais sensato, não experimentar ou não conhecer o melhor, atim de que o bom possa contentar as aspirações dos indivíduos.*

Há, ainda, a considerar, que os recalcados ou descontentes da ordem social constituem o material sempre facil de ser trabalhado na propaganda de qualquer doutrina, desde que seja esta diferente daquela sob o jugo da qual estejam eles vivendo no momento.

As campanhas políticas das democracias são esperanças que alimentam os anseios populares, favorecendo, assim, as agitações cívicas. Nestes movimentos, o povo procura expandir, em parte, os seus recalques de poder, numa impressão política de prestígio ou de cooperação com o Governo. E cada individuo age, de per si, diante

sempre de uma expectativa de progresso, tendo em vista a satisfação dos próprios desejos ou aspirações.

Do ponto de vista médico, parece sensato acreditar que esse drama dos recalques do poder, favoreça, ainda, por vezes, o desenvolvimento das neuroses que aumentam dia a dia, o número de leitos dos doentes mentais de quase todos os países do globo. (14)

No ambiente das atividades sociais, sempre mais vibrantes na vida das grandes cidades, a moda, como fenômeno sociológico desempenha o seu papel de destaque no governo dos fatos que interessam à satisfação e à apresentação dos indivíduos na sociedade.

Ela decorre da propaganda ou das insinuações do meio social, agindo sobre os indivíduos, e afeta, primeiro, o desejo de imitação dos homens para, logo a seguir, atingir neles o instinto de poder, que determina a ação combativa dos mesmos no sentido da conquista dos requintes da moda.

Quando outros desejos mais fortes não tomam posição principal no campo da mentalidade humana, a moda (quase sempre de importância capital na vida dos ociosos), costuma entrar em cena para fomentar as preocupações dos frequentadores das rodas elegantes. Mas, também como arte, ela não deixa de ter o seu valor, em benefício do prazer e da felicidade, pelo que serve de incentivo aos produtores do belo e pelo que consegue evitar na monotonia permanente das coisas. (Isto, porque a experiência nos indica que a monotonia desagrada e cansa a apreciação dos indivíduos, desde que não haja certa interrupção na presença duradoura dos mesmos objetos.). Como fator econômico, a moda fomenta a indústria e serve, também, de incentivo às variações e aperfeiçoamentos da produção.

Nos estados mórbidos das mentalidades dominadas pela preocupação da moda, ela transforma, comumente, as criaturas em escravas de si mesmas.

Algumas senhoras, por exemplo, que se dizem elegantes, renegam constantemente os seus filhos, confiando, tanto quanto possível, a educação dos mesmos a qualquer empregada que possa descansar-las desse fardo, porque tem o sentido da apre-

ciação ou da imitação voltado mais para as atitudes ou o comportamento da artista fulana da fita X, verdadeiro molde ideal das suas aspirações superiores, do que para a criação dedicada dos filhos.

Certos pais, da mesma forma, se regosijam porque a prole não aumenta e, assim, pode haver mais sobra de dinheiro para a sagrada gasolina, capaz de proporcionar-lhes prazeres notáveis nos adorados passeios automobilísticos das rodas elegantes. Para estes, em geral, quase sempre são mais importantes as horas das reuniões sociais do seu grupo de *grantinos*, do que a convivência sadia e nobre dos seus filhos, na harmonia familiar.

E' possível, talvez, que a moda um dia pense em seguir novos caminhos, despertando o amor paternal do seu sono demorado e perigoso à vida e felicidade da espécie humana.

Nessa época, ainda, quando aqueles que costumam se enfeitar com os louros da palavra "economista" se dignarem de pensar um pouco menos na nobreza da sua posição de destaque, voltando-se mais para a análise e a apreciação dedicada e sincera dos fatos social-econômicos, é bem possível que haja menos carneiros queimados, mais harmonia social e mais satisfação entre os homens no desenvolvimento da família e educação metódica e inteligente dos filhos.

Se esta moda viesse, a população do Brasil poderia, então, crescer mais rapidamente, sendo forte e digna para vencer, pelo número e pela qualidade dos seus homens, a grandeza territorial da nossa Pátria!

(Convem, neste ponto, para evitar dúvidas quanto à orientação filosófica que nos inspira na redação deste trabalho, salientarmos o seguinte:

a) a ordem humana, em todos os seus aspectos, só pode se aproximar de um estado ótimo de organização, quando tomar precisamente por base o conhecimento das leis biológicas que governam a vida e a atividade dos homens;

b) dentro dessas leis, se a felicidade foi a forma escolhida por Deus para motivo principal das esperanças e da razão de viver, ela deve ser considerada como ponto de partida para toda e qualquer doutrina, que vise, como instrumento, facilitar a existência da Humanidade;

c) com essa orientação, as doutrinas filosóficas, as ciências, a organização do trabalho, o direito e a organização administrativa dos povos devem guardar, para com a felicidade do homem e da coletividade, a mesma relação — observada no processo mental — das funções psíquicas auxiliares para a satisfação principal do “ego” ou do todo biológico;

d) por conseguinte, as doutrinas, os conhecimentos ou a aprendizagem dos indivíduos e a organização devem, permanentemente, à medida da evolução das coisas, se reajustarem, em primeiro lugar, ao serviço do bem ou da felicidade geral;

e) a economia, como parte de magna importância do sistema social, precisa conformar-se ao interesse primeiro de servir ao bem estar da coletividade; diante disso, a sua condição doutrinária básica deve ser: *produzir muito*, para servir a todos; *o bom*, para ser mais útil, e *barato*, para trazer fartura e alegria de poder ao maior número possível de indivíduos;

f) a solução conveniente de todo problema social-econômico, em face das leis biológicas que agem na mentalidade dos homens, determinando o tradicionalismo, só pode ser encontrada a partir, principalmente, da educação e da propaganda)
